Inventar-se no Mundo: Dissidências de Gênero e a criação do possível

Bruna Rodrigues Cardoso[1]

RESUMO

Este trabalho explora a imaginação como ferramenta de resistência e transformação no contexto das vivências LGBTQIAP+, com foco na subversão das normas cisheteronormativas que moldam o gênero e a sexualidade. Partindo de uma perspectiva histórico-cultural baseada na teoria de Vigotsky e dialogando com autores como Butler, Deleuze e Preciado, o estudo investiga como a dissidência de gênero e sexualidade reconfigura as categorias impostas pelo cis-tema e propõe novos imaginários para a existência. A análise perpassa a compreensão da imaginação como um ato criador que transcende o concreto e permite a elaboração de novas possibilidades de vida, enfatizando seu papel na constituição subjetiva e cultural. A arte e a experiência são abordadas como espaços para a criação de linguagens e mundos plurais, destacando produções artísticas dissidentes, como as de Linn da Quebrada e Caru Brandi, que subvertem normas e expandem as fronteiras do possível. Neste sentido, o trabalho busca não apenas questionar a naturalização de categorias como "homem" e "mulher", mas também propor reflexões sobre como a imaginação pode contribuir para a construção de dinâmicas mais inclusivas e diversas, desafiando a hegemonia das estruturas binárias e normativas.

Palavras-chave: imaginação, dissidência de gênero, cisheteronorma, subjetividade, arte, transformação.

[1] * Discente do Curso de Psicologia da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão, sob a orientação do Prof. Dr. Leonardo Martins Costa Garavelo. E-mail: bruna.201810803@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 03/12/2024

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformaram.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar - como em Chagall.

Manoel de Barros, 2002

Abertura

Linn da Quebrada, no episódio do podcast Mano a Mano, lançado em novembro de 2022, sugere que a imaginação é perigosa. O perigo reside na capacidade de reconhecer que o mundo à nossa volta é construído de modo que o que existe um dia foi imaginado. Ao tomarmos consciência dessa construção, abre-se uma fissura que nos permite questionar a permanência de estruturas que são vistas como naturais, expondo as forças históricas, culturais, políticas e sociais que as moldaram. Nesse sentido, Vigotsky (2009, p. 14) afirma: "tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia." Assim, a imaginação não apenas revela o caráter construído das estruturas sociais, mas também abre espaço para percebermos que somos capazes de criar e transformar a realidade, exercendo influência sobre nossas próprias vidas e sobre o mundo.

De maneira semelhante, ao aplicarmos essa perspectiva ao gênero, percebemos que também é uma construção cultural, desafiando a noção de que se trata de uma simples expressão 'natural' do sexo biológico. Se aceitarmos que o gênero é radicalmente independente do sexo, então podemos entender que as identidades de 'homem' e 'mulher' não se restringem a corpos biologicamente definidos. Isso implica que a dualidade do sexo, frequentemente vista como natural, é, na verdade, uma construção social que pode ser desafiada e reformulada. A crítica a essa binaridade é essencial para expor as relações de poder que sustentam essas categorias, revelando que tanto o sexo quanto o gênero são produtos de um discurso cultural que molda nossas percepções e experiências.

A dissidência de gênero desafia e reinterpreta as normas impostas pela cisheteronorma, criando novas formas de existir e de se relacionar com o mundo. A

cisheteronorma, estrutura social dominante que privilegia a cisnormatividade e a heteronormatividade, opera enquanto instituição total que não só oprime, mas também marginaliza aqueles que não se encaixam nos padrões convencionais de gênero e sexualidade (ROSA, 2020). Para compreender a profundidade e a complexidade da experiência dissidente, é essencial analisar como a cisheteronorma não apenas molda as identidades, mas também limita a capacidade dos sujeitos de expressarem e se apropriarem da própria experiência. A imposição de normas rígidas de gênero e sexualidade não só define o que é considerado "normal", mas também restringe a diversidade das formas de ser e viver, gerando um ambiente opressivo que pode cercear a autonomia e a expressão plena dos sujeitos. Portanto, as possibilidades de configuração do gênero na cultura são limitadas por fronteiras analíticas que, ao serem determinadas pelo discurso cultural hegemônico, condicionam as experiências imagináveis e realizáveis de gênero, sempre em termos de estruturas binárias que se apresentam como racionais e universais (BUTLER, 2018).

Diante desse cenário, buscando subverter as estruturas normativas e abrir espaço para alternativas que possibilitem a existência, este trabalho visa explorar a imaginação como um processo criador e transformador, capaz de transcender a realidade concreta e gerar novas possibilidades de existência, sendo ferramenta de resistência e transformação para pessoas LGBTQIAP+. Conforme Deleuze (1990):

> Acreditar no mundo é o que mais nos falta; perdemos o mundo, ele nos foi tomado. Acreditar no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem do controle, ou então fazer novos espaços-tempos, mesmo de superfície e volume reduzidos... É no nível de cada tentativa que são julgadas a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. São necessários, ao mesmo tempo, criação e povo.

A intenção é investigar como podemos conceber e desenvolver modos de vida que desafiem e reconfigurem as normas, evidenciando o potencial de criação e transformação que a dissidência pode ocupar. É importante deixar claro que o objetivo não é apresentar uma fórmula concreta para romper com as normas, mas sim provocar uma reflexão criativa, explorando possibilidades e novas visões que vislumbrem a construção de dinâmicas não hegemônicas.

Inventividade, criação e imaginação

Os sujeitos não apenas conservam e reproduzem suas experiências anteriores, mas também as combinam e reelaboram de forma criativa, gerando novas situações e comportamentos. Quando pensamos em gênero como uma experiência vivida, percebemos que ele se manifesta mesmo antes do nascimento, quando os genitores imaginam características relacionadas ao sexo do feto a partir do resultado da sexagem fetal. Apesar de vivermos e nos constituirmos a partir dessa experiência, sendo assujeitados às categorias de "homem" e "mulher" — legitimadas por discursos científicos, religiosos e culturais, que frequentemente as tratam como naturais e imutáveis —, criamos. Tais categorias podem ser e são reelaboradas por pessoas que chamarei aqui de dissidentes. Essa capacidade de criar nos impulsiona para o futuro, modificando a realidade presente, e é compreendida como imaginação.

No cotidiano, pode-se entender a imaginação como o oposto da realidade, algo irreal, pertencente ao mundo da fantasia, e, por isso, sem um significado prático sério. No entanto, a atividade criadora do sujeito, possibilitada pela imaginação, manifesta-se em todos os campos da vida cultural, tornando possível a criação artística, científica e técnica, estando presente concretamente na constituição tanto do sujeito quanto da cultura. A imaginação, portanto, não é apenas um processo individual, mas também social e cultural, moldado pelas interações e pela história coletiva.

Há uma concepção de que, para realizar tal feito — o ato de criar no âmbito cultural, científico ou técnico —, é necessário possuir uma habilidade especial, como se fosse uma tarefa exclusiva de "gênios" ou pessoas "talentosas" (quase sempre associadas ao masculino). A percepção de que o ato de criação é dificultoso, dominado por uma parcela específica de pessoas, e que a imaginação não tem relação com a realidade concreta agem auxiliando na manutenção do controle patriarcal disciplinando o corpo e a sexualidade, delimitando comportamentos, aparências e desejos. No entanto, essa ideia de que a criação é uma tarefa exclusiva de "gênios" esconde o fato de que todos têm o potencial de criar e transformar o mundo à sua volta. A imaginação não é apenas um reflexo passivo da realidade, mas uma ferramenta ativa que permite a construção de novos significados e novas formas de existência. Porém, estamos imersos no ato de criar, esse processo envolve criar ideias e imagens de experiências que não vivemos e de cenários que não testemunhamos.

Ao nos comunicarmos, por exemplo, imaginamos antes de expressar em palavras. De forma semelhante, ao ouvirmos o outro, criamos uma imagem do que compreendemos, mesmo que não tenhamos vivido o que esteja sendo compartilhado, é também a partir da imaginação que passamos a compreender o outro. Esse exercício não é um dom, mas uma construção ontológica moldada pela cultura, acessível a todos nós. A criação, portanto, não é algo reservado a poucos; ela é uma prática cotidiana, moldada pelas trocas sociais e culturais que nos cercam. Ter acesso a liberdade para constituirmos nossa identidade, e imaginarmos para além do prescrito, é sobre isso que Linn da Quebrada, citada no início do artigo fala. “poder imaginar uma travesti na presidência” ou ainda mais simploriamente, poder imaginar que minha existência é digna de amor, é cheia de beleza e vida. Inclusive, conforme Preciado “Minha vida fora do regime da diferença sexual é mais gloriosa do que qualquer coisa que você pudesse me prometer como recompensa por aderir à norma. (Paul Preciado, p.40, 2020)

A imaginação é um processo de interlocução que abre espaço para múltiplas interpretações e formas de diálogo. Quando tentamos nos aproximar do que o outro quis transmitir, criamos interpretações próprias, que despertam emoções autênticas. Deste modo, a imaginação nos permite vivenciar o que não presenciamos, possibilitando que absorvamos histórias além de nossas vivências diretas, expandindo nosso círculo imediato. Conforme Vigostky (2009):

> "Nesse sentido, a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humanos. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles [...] Assim configurada, a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana.”

Quanto mais experiência, mais processos imaginativos. É a experiência concreta que enriquece nossa capacidade imaginativa e nos permite transitar entre realidades concretas e imaginadas. Essa transição entre o real e o imaginário não é um movimento unidirecional. A imaginação alimenta a experiência concreta, ampliando a percepção do sujeito sobre seu próprio mundo e suas possibilidades dentro dele. Nossas experiências e interações com os outros nos ajudam a construir nossa subjetividade. Isso não nos aprisiona a uma lógica de

reprodução ou determinismo, mas oferece um substrato para novas criações e transformações. Realizar este tensionamento, percebendo que a imaginação se apoia na experiência, da mesma forma que a experiência se apoia na imaginação. Portanto, a particularidade da criação no âmbito individual implica, sempre, um modo de apropriação e participação na cultura e na história. O meio é fonte de desenvolvimento, e a imaginação amplia esse meio. Em um mundo pós-estruturalista, as fronteiras do possível são constantemente redimensionadas pela intervenção imaginativa.

Cogitar novas maneiras de comunicação, explorar dialetos, perspectivas e visões de mundo é expandir o campo do possível. Como podemos pensar a ampliação do meio, cogitar a existência diversa, nos comunicarmos com palavras novas, novos dialetos, novos olhares?

Dissidência criadora

A dissidência de gênero é um ato de resistência e invenção, que desafia as fronteiras impostas pela normatividade e abre espaço para novas possibilidades de existência. Em um mundo que insiste em categorizar corpos e identidades, ser inventivo é não apenas sobreviver, mas também reimaginar os sentidos de ser e viver. Conforme Favero (2022):

> Inventivo é aquilo que é criado, que é novo, que se forma a partir de algo. Mostrar pessoas trans para além dos moldes estereotípicos, fora dos jargões cirúrgicos ou das polêmicas que são expostas na mídia, é uma aposta arriscada. Inventivo é trazer esses saberes e corpos por uma nova ótica: a do glamour, do afeto, do glitter, da intelectualidade. Pessoas trans são muito mais do que um desconforto psicológico ou insatisfação constante com seus corpos. São corpos que criam nuances aos campos do gênero, da identidade, do sujeito. Pessoas que pulsam vida, mesmo apesar das interdições que são colocadas pela sociedade, ou seja, pelo cis-tema.

Este trabalho surgiu a partir da inquietação em relação à forma como gênero e sexualidade são retratados e percebidos, no âmbito acadêmico e fora dele. O discurso da diversidade e ampliação de discussões tende a homogeneizar a vivência de pessoas LGBTQIAP+, constituindo uma nova padronização do viver e do sentir as experiências de gênero e sexualidade (Silva, 2022). Ao fazer isso, perde-se a percepção das especificidades e dos marcadores sociais da diferença que moldam as vivências de dissidências sexuais e de gênero. Essas experiências são construídas a partir de uma multiplicidade de fatores, como

raça, etnia, classe, território e faixa etária, que devem ser considerados para compreender as múltiplas realidades que existem dentro desse espectro de dissidência. Em vez de se verem representadas de forma plural, essas vivências se tornam estigmatizadas, quando não patologizadas, em narrativas que não capturam as nuances da experiência dissidente, limitando a representação de identidades que são mais do que o estigma e a marginalização.

A retratação da experiência dissidente, quando vista a partir de uma lógica binária, costuma ser representada de forma patologizante e aniquilatória. A culpa, o pecado, os laudos, os enquadramentos, as brutalizações analíticas. É preciso, conforme Favero (2022), "rejeitar profundamente a ideia de que a diferença é um erro, tão profundamente que operaremos mudanças no tempo, na palavra, no sentido." Criar um novo imaginário, sacudindo as verdades que nos definem e nos limitam, para que com isso, abram-se caminhos para uma realidade múltipla, para além do regime da diferença sexual, ocupando espaços cada vez menos binários. Realizar tal tarefa não é algo simples; trata-se de um esforço coletivo, como inventar uma nova língua e criar todos os termos de uma nova gramática. Nesse sentido, Preciado (2020) observa que os novos movimentos transfeministas, queer e antirracistas, assim como as novas práticas de filiação, relações amorosas, identificação de gênero, desejo, sexualidade e nomeação, são indícios dessa mutação. Essas experiências contribuem para a construção coletiva de uma nova epistemologia do corpo humano vivo.

A arte, enquanto espaço de experimentação e expressão, torna-se um substrato imaginativo essencial para a construção dessa nova realidade. Em primeiro lugar, perceber a realidade afetivamente, o que nos coloca em posição de questioná-la. A partir da memória, da historicidade do que já aconteceu, podemos nos mobilizar pela raiva e incômodo. Em um segundo momento, propor e realizar esse movimento dialético de ir e voltar, a partir dos contrastes perceber e propor onde podemos ir. Caru Brandi, pessoa transmasculina não-binária, se destaca como uma voz disruptiva. Suas obras, em que cria personagens "além-mundos", são exemplos dessa ruptura com os modelos normativos. Esses seres híbridos, que transcendem as classificações tradicionais, abrem um espaço de possibilidade para a construção de uma nova linguagem do corpo e da identidade.

Figura 1 – Cerâmica "Alçando voo", 2023. Obra de Caru Brandi.

Ao explorar a fluidez, a mutabilidade e as diversas formas de existência, a arte de Caru não apenas representa, mas ativamente redefine as fronteiras da realidade e as normas sociais estabelecidas. Ao questionar e subverter as normas sobre o corpo e a identidade, contribui de forma concreta para a criação de um imaginário plural, no qual novas possibilidades de vida e existência podem se concretizar, criando uma reflexão profunda sobre o que significa viver além das normas binárias do gênero (Gonçalves, 2024).

Linn da Quebrada, motor que impulsionou essa escrita, também mobiliza a partir da arte da palavra a construção de novos mundos. Na música Oração, Linn reza, reescrevendo uma súplica a partir de uma mobilização religiosa, inicialmente tão ligada ao extermínio de pessoas LGBTQIAPN+:

“Entre a oração e a ereção

Ora são, ora não são

Unção, benção, sem nação

Mesmo que não nasçam

Mas vivem e vivem e vem

Entre a oração e a ereção

Ora são, ora não são

Unção, benção, sem nação

Mesmo que não nasçam

Mas vivem e vivem e vem”

Essa música de Linn da Quebrada é um chamado poético para uma existência plena, que resiste à opressão e à negação. Entre a prece e o desejo, entre o ser e o não ser, emergem vidas que desafiam as tentativas de apagamento e reconfiguram o significado de viver.

Fechamento

Realizar esta pesquisa foi, antes de tudo, um exercício de se colocar no lugar de quem cria, de quem imagina, e de quem ousa questionar o que parece estar dado. O incômodo que deu origem a este trabalho se relaciona diretamente com a experiência vivida durante a graduação, ao observar como gênero e sexualidade foram temas frequentemente marginalizados nas discussões acadêmicas. Quando abordados, os debates frequentemente se limitavam a enfatizar números e dados que reforçam a violência estrutural enfrentada por pessoas LGBTQIAPN+, especialmente pessoas trans e travestis. Esses dados, embora indispensáveis para a compreensão da realidade, não são suficientes para abarcar a complexidade, a riqueza e as infinitas possibilidades de existir fora do regime cisheteronormativo.

Neste espaço tão restritivo, onde a diferença sexual é constantemente reforçada como norma, persiste também a potência de tantas outras vivências que escapam dessa lógica. São modos de existir que desafiam, que brincam, que criam performances marcadas pela liberdade e pela imaginação, revestidas de glitter e possibilidade, como nos lembra Favero (2022). Inserir essas perspectivas dentro de um curso de Psicologia não foi apenas um desafio acadêmico, mas um gesto político e criativo. Foi uma tentativa de abrir um espaço para que outras narrativas pudessem emergir e florescer, apontando para realidades alternativas, menos limitadoras e mais inclusivas.

Mais do que uma análise, este trabalho buscou ser uma convocação: para imaginar mundos novos, para construir possibilidades além do que nos foi imposto. É um convite para que a Psicologia — como ciência e prática — se transforme, reconhecendo que, ao questionar as normas de gênero e sexualidade, não estamos apenas resistindo; estamos, acima de tudo, criando.

7. REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Recurso digital.

DELEUZE, Gilles. (1990). O devir revolucionário e as criações políticas. Entrevista de Gilles Deleuze a Toni Negri (Tradução de João H. Costa Vargas). Novos Estudos – CEBRAP, 28, 67-73.

FAVERO, Sofia. Pajubá-terapia: ensaios sobre a cisnorma. 2. ed. Porto Alegre: Nemesis Editora, 2022.

GONÇALVES, Sue. Além-Mundos de Caru Brandi. 2024. Disponível em: https://www.ufrgs.br/nervocritico/alem-mundos-de-caru-brandi/. Acesso em: 06 nov. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas. São Paulo: n-1 Edições, 2020.

ROSA, Eli Bruno do Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. 2024. Trabalho de graduação (Filosofia) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2020.

SWAIN, Tania Navarro. Para além do binário: os queers e o heterogêneo. Revista Gênero, Niterói, v. 2, n. 1, 2001. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30991. Acesso em: [data de acesso].

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. Imaginação e a arte na infância. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D' Água Editores, 2009.